

# A FORMAÇÃO DE DISCURSOS AMBIENTAIS E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL<sup>1</sup>

Isabel Ribeiro Marques – Bolsista CAPES

*Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA). Universidade Federal do Rio Grande - Brasil*

Paula Henning – Professora PPGEA e Bolsista Produtividade 2 CNPq

*Universidade Federal do Rio Grande - Brasil*

**RESUMEN:** O trabalho parte de uma tese de doutorado em Educação Ambiental e busca problematizar a formação discursiva, muitas vezes, rasa e simplista entrelaçada a temática ambiental. Para a tessitura, utilizou-se da Análise do Discurso inspirando-se em Michel Foucault, não situando previamente as escolhas, mas captando alguns discursos visíveis em relação aos ditos ambientais que circulam e podem atingir diferentes públicos. Para tal, buscou-se através de sites de busca, as imagens relacionadas a Educação Ambiental e, com a composição estimula-se o debate e a problematização dos resultados.

**PALABRAS CLAVE:** educação ambiental, discurso, análise do discurso, Michel Foucault, esverdeante

**OBJETIVOS:** O interesse pela temática ambiental provém do percurso acadêmico da primeira autora, onde desde o início dos cursos de bacharelado em Direito e Ecologia, iniciados em meados de 2000, já causava desassossego o reducionismo conceitual entremeado a tantos discursos relacionados à expressões como: ecologia, meio ambiente e educação ambiental. Após esse período das graduações, veio a docência no ensino superior. Nas salas de aula, as visões simplistas emergiram de tal maneira, que se passou a tentar entender o que poderia estar atrelado a tantos discursos vazios e, muitas vezes, previsíveis.

Diante das inquietações que acompanham o caminhar, o presente trabalho trata-se de um recorte de uma tese de doutorado em Educação Ambiental que se inicia na Universidade Federal do Rio Grande/Brasil e, através dessa escrita almeja-se problematizar o bombardeio de discursos “verdes”, muitas vezes, ensinando condutas e esperando comportamentos em relação ao ambiente. Busca-se puxar fios que possam tecer esse emaranhado de discursos prontos em relação, principalmente no que se refere à educação ambiental, verdades impostas, distribuídas em diferentes dispositivos midiáticos e suas implicações.

## **SOBRE A TESSITURA...**

O trabalho busca pistas na propagação discursiva atrelada a questão ambiental nos dias atuais, que através da escrita da tese denominamos como “Discurso Esverdeante”, um conceito entrelaçado a

1. Esta pesquisa conta com o financiamento da CAPES e do CNPq Universal 14/2014.

2. Universidade Federal do Rio Grande – FURG, localizada no Brasil, no estado do Rio Grande do Sul, cidade de Rio Grande <http://www.furg.br/>

propagação de discursos com o “verde” relacionado ao ambiente, meio ambiente e natureza para estímulo publicitário, incentivo ao consumo ou relacionando a vantagens em relação às maneiras de ser e viver.

Percebe-se, em tempos contemporâneos, uma proliferação discursiva que alerta para necessidade de cuidarmos do Planeta e, de modo paradoxal, também incita ao consumo (Beck, Henning e Vieira, 2014). Trata-se, hoje, de pensar num outro consumo, num consumo verde, numa onda verde que investe na subjetividade do indivíduo, governando modos de vida. Se antes, nos anos 70 do século XX, Lutzenberger (1977) alertava para a necessidade de frear o consumo por estarmos acabando com o Planeta Terra; hoje, o que vemos é uma incitação permanente para consumirmos (Guimarães, 2012). No entanto, não se trata de qualquer consumo, mas daquele preocupado com a sobrevivência da espécie humana. A este estamos chamando, consumo verde na correnteza do que trazemos para a Tese que abriga esta pesquisa, o Discurso Esverdeante. Esse texto, preocupado com esses câmbios contemporâneos, em uma sociedade tão fluida e de agenciamentos coletivos de enunciação tão presentes e atuantes, deseja problematizar essas verdades estabelecidas dedicando-se a olhar os modos como estamos a produzir tais discursos. E, lembrando de Deleuze (2010, p. 124):

É preciso pegar as coisas para extrair dela as visibilidades. E as visibilidades de uma época é o regime de luz, e as cintilações, os reflexos, os clarões que se produzem no contato da luz com as coisas. (...) é preciso rachar as palavras ou as frases para delas extrair os enunciados.

E através da Análise do Discurso, buscando inspiração em Michel Foucault (principalmente nas obras “Arqueologia do Saber” - 2008 e “A ordem do discurso” - 1999), opera-se especificamente com o conceito de discurso. A partir dos ensinamentos do filósofo, procura-se as visibilidades e enunciabilidades dos discursos que circulam e atingem diferentes públicos.

Trata-se de um trabalho vivo, entremeado pelos atravessamentos daquele que pesquisa. “(...) de um lado, a forma do visível, de outro, a forma do enunciável, ambas irreduzíveis. E é fora das formas, numa outra dimensão, que passa o fio que as costura uma à outra e ocupa o entre-dois.” (Deleuze, 2010, p. 125) E como poder-se-ia dizer? Como poderia ser tecida com diálogo, não como disseminadora de informações mas, como portadora de sentidos? Sem cair nos ideais de verdades colocados como estáticos, ou então, restringindo o conhecimento a meras repetições e reproduções, sem levar em considerações toda subjetividade que possa estar envolvida?

Pretende-se tensionar um ecologismo ingênuo que muitas vezes oferece respostas *a la carte* para os questionamentos no que se refere aos discursos ambientais, almejando-se problematizar a proliferação discursiva esverdeante que nos captura. Pensando os enunciados, e reagindo à pobreza enunciativa, falando a partir dela e apesar dela. Não definimos verdades, mas verificamos a possibilidade de transformação. Nosso desejo é que, assim, o discurso possa deixar de ser o que é para, quem sabe, tornar-se um tesouro inesgotável de onde se podem tirar sempre novas riquezas, imprevisíveis a cada vez (Foucault, 2008, p. 136).

## A REPRESENTAÇÃO NOS DISCURSOS AMBIENTAIS

Os debates ambientais nunca foram tão presentes. Basta olharmos um site, folhearmos uma revista ou um momento de compras no supermercado. Basta ficarmos atentos. À espreita... discursos, muitos discursos. Nesse sentido, ao expor um assunto, uma palavra, expressões, muitas vezes, sem nos darmos conta não enxergamos a coisa e sim, a linguagem construída da coisa, imagem traduzida. Tem-se inúmeros conceitos carregados de um *pré-conceito* definido de antemão, muitas vezes funcionando como estratégia de sujeição; desprezando-se a singularidade criativa de cada um e optando por uma generalização comum a todos (Foucault, 2015, p. 44).

E partindo de uma enunciação acadêmica, como podemos ilustrar essas ideias de uma maneira simples e direta? Um exemplo de fácil acesso que pode trazer pistas de como a temática aparece, em se tratando de senso comum, pode ser obtida através de um simples e rápido exercício: basta digitar “educação ambiental” em alguns sites de busca, aqui escolheu-se Google e Bing e pesquisou-se em imagens. A escolha desse sites foi devido a sua proeminência na internet, sendo, na maioria das vezes, os dois sites mais acessados para buscas no Brasil. Incomodadas com a força e a disseminação de um discurso esverdeante, dividimos com o leitor algumas imagens coletadas. É com intercessores da filosofia da diferença que buscamos tencionar as forças que se produzem para que esse discurso tome corpo, lugar e espaço no mundo em que vivemos. “Jamais encontraremos o sentido de alguma coisa (...) se não sabemos qual é a força que se apropria da coisa, que a explora, que dela se apodera ou nela se exprime” (Deleuze, 1976 p. 3).



Fig. 1. Site de busca: Google - Expressão pesquisada: Educação Ambiental. (Fonte: [https://www.google.com.br/search?q=educa%C3%A7%C3%A3o+ambiental&biw=1517&bih=708&source=lnms&tbm=isch&sa=X&sqi=2&ved=0ahUKEwjYl4iGkMzRAhXJhJAKHcx0Bw8Q\\_AUIBigB](https://www.google.com.br/search?q=educa%C3%A7%C3%A3o+ambiental&biw=1517&bih=708&source=lnms&tbm=isch&sa=X&sqi=2&ved=0ahUKEwjYl4iGkMzRAhXJhJAKHcx0Bw8Q_AUIBigB) Acesso em 05/1/2017)



Fig. 2. Continuação da imagem da figura 1





Fig. 3. Site de busca: Bing – Expressão pesquisada: Educação Ambiental. (Fonte://www.bing.com/images/search?q=educa%C3%A7%C3%A3o+ambiental&FORM=HDRSC2 Acesso em 05/1/2017)



Fig. 4. Continuação da imagem da figura 3

O que percebe-se com essa compilação de imagens? Verde, muito verde, floresta, água, meio ambiente natural e... o que mais incomoda quem vós escreve: As mãos no entorno do globo!! Perdoem-nos a redundância, mas o que são mãos no entorno do globo? Se pensarmos um pouco sobre a ínfima e efêmera presença humana se comparada à existência do planeta. Uma vez mais, antropocentrismo se fazendo presente...

Educação ambiental seria resumida a isso então? E todo “resto”? cidades, escolas, pessoas, vida!?!

Foi uma breve provocação, mas entende-se que a superfície de inscrição que trouxemos, de modo muito amplo, devido ao espaço desse texto, apresenta um reducionismo conceitual vigente e, além de um mero reducionismo, entende-se essas imagens definindo, mais uma vez e sempre, o antropocentrismo que nos produz desde a Modernidade: “o homem em um plano e o ‘resto’ como planícies, montanhas, oceanos, ao serem vistos à distância, como objetos em miniatura”, realidades distantes e individuais, vigorando uma importância aos recursos como produtos aptos ao consumo, direcionando para a produção (Seabra 2013, p. 11).

Rápido exercício, sites de busca, também muito utilizados por pesquisadores, estudantes, diferentes públicos. Não se trata de apontar exemplos, aqui e acolá, mas estimula-se que não fiquemos atrelados a esquematismos e representações prontas e estáticas.

Talvez nessas imagens, repouse o que se encontra em sala de aula e em discursos do cotidiano que tanto perturbam e, com essa sustentação antropocêntrica, construída ao longo do tempo, que esteja se falando em ambiente, ou seja, nas maneiras em que a natureza, meio ambiente e até mesmo a educação ambiental são muitas vezes apresentadas na contemporaneidade. Visões romantizadas, desconectadas da vida da maioria das pessoas “contemporâneas” ou então algo que os estudiosos da área ambiental tenham que dar conta.

Guattari (2015, p. 29) já comentava no final dos anos 80 que o homem chamado de contemporâneo, já estava enganchado em um mundo com precárias representações em constante movimento, os jovens habitados por informações produzidas em lugares bem distantes: tudo circula, mas parece permanecer tudo no mesmo lugar, subjetividade petrificada: Cuide da natureza! Pense verde! Seja sustentável! São representações, tantos discursos que são tão reproduzidos e pouco questionados.

Nesse sentido, busca-se inspiração em Michel Foucault (2008, p. 34), que alerta que o recorte de determinado domínio não pode ser considerado definitivo, tampouco absoluto, trata-se de uma aproximação que possa permitir borrar os riscos do primeiro esboço.

Assim o presente trabalho, lança luz para discursos proliferantes na atualidade. E, assim como Fisher (2002, p. 58), convidando a deixar para trás o lago sereno das certezas e ir buscar ferramentas produtivas, para pensar de outra forma, procurando tencionar e quem sabe cotejar ideias menos seguras. O desejo é buscar, quem sabe, alinhar, soltar, costurar e tecer outros modos de pensar e fazer Educação Ambiental em tempos de “esverdeamento” dos sujeitos.

## CONSIDERAÇÕES

A lógica de um pensamento não é um sistema racional em equilíbrio (...) a lógica de um pensamento é como um vento que nos impele, uma série de rajadas e de abalos. Pensava-se estar no porto, e de novo, se é lançado em alto mar (Deleuze, 2010, p. 122).

Percurso acadêmico, docência no ensino superior, ecos provenientes da dissertação que desejaram o doutorado, a tese e as inquietações de quem vos escreve. Respira-se aproximações, inspirando-se em inquietações mas, alerta-se, aproveitando-se Deleuze (2010, p. 115): não se trata de ter a hora da verdade, nem de escrever memórias que inquietam, busca-se nomear potências impessoais, físicas e mentais que são enfrentadas e também combatidas, traçando transversais, diagonais, indo do autor ao que toca, desassossega, inquieta e que possa de alguma maneira dizer alguma coisa.

Não se busca encontrar respostas, tampouco soluções, busca-se provocar, resistir ou então, um convite a suspensão do hábito de cair em certezas. Se surtirá efeito, se irá mexer com alguém? Não importa nesse momento:

Está en ti tomar (lo que te conviene) y dejar el resto, otro hará otro tanto, y poco a poco todo habrá encontrado su lugar. (...) elige y deja el resto sin declamar contra ese resto, unicamente porque no tiene el talento de gustarte. Piensa que gustará a otros...” (Guattari, 2015, p. 25).

Guattari (2015, p. 38) alerta que a tomada de consciência ambiental não pode apenas se preocupar com os fatores naturais como poluição, aquecimento global, extinções, mas deverá repensar o campo social e o domínio mental que também sofrem devastações, sem esses questionamentos interligados a estagnação prevalecerá. Nesses hábitos coletivos estão incluídas também, os recortes apresentados na presente escrita, não considerando os discursos como absolutos mas compondo a partir das aproxima-

ções feitas aqui. Tecendo enquanto enxerga-se a Educação Ambiental na vida como um todo! Não se trata apenas do verde!! Onde estão os azuis, amarelos, pretos, concretos das cidades?!

Fica o convite para tentarmos pensar um pouco “fora” do que está dado, do que vem sendo distribuído. Pode não ser fácil. Não é sereno. Mas pode ser motivador e muito potente! E lembrando Bauman (2013, p. 28) “Não nos esqueçamos que toda maioria começou como uma pequenina, invisível e imperceptível minoria. E que mesmo carvalhos centenários desenvolveram-se a partir de bolotas ridiculamente minúsculas.”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Z. (2013). *Sobre educação e juventude*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- BECK, D.; HENNING, P. e VIEIRA, V (2014). *Consumo e Cultura: modos de ser e viver a contemporaneidade*. Educação, Sociedade e Culturas. N. 42, 2014, p.87-109. Disponível em [http://www.fpcce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC42\\_08DinahBeck.pdf](http://www.fpcce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC42_08DinahBeck.pdf). Acesso em 30 março 2017.
- DELEUZE, G. (1976) *Nietzsche e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Rio.
- (2010) *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed 34
- FISCHER, R. B.(2002). *Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar*. In.: Costa, Marisa Vorra-ber. (org). Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A.
- FOUCAULT, M. (1999) *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola
- (2008) *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária.
- (2015) *Microfísica do Poder*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- GUATTARI, F. (2015) *Qué es la ecosofia?* textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud – 1ª ed. - Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Cactus.
- GUIMARÃES, L. (2012). *Notas sobre o dispositivo da sustentabilidade e a produção de sujeitos “verdes”*. In: Saraiva, Karla; Marcello, Fabiana de Amorim (Org.). Estudos Culturais e Educação: desafios atuais. Canoas: Ulbra.
- LUTZENBERGER, J. (1977) *Fim do futuro?* : manifesto ecológico brasileiro. Porto Alegre: Editora Movimento.
- SEABRA, G. (2013) (organizador). *Educação Ambiental: conceitos e aplicações*. João Pessoa: Editora da UFBP.